

Projeto Gráfico ganhador do  
"AIGA 50 Books/50 Covers – 2008",  
Prêmio Internacional do American Institute  
of Graphic Arts (AIGA)

1ª edição

# QUINCAS BORBA MACHADO DE ASSIS

 CLASSICOS  
SARAIVA

 Editora  
Saraiva

**Gerente editorial**

Rogério Gastaldo

**Coordenação editorial e de produção**

Edições Jogo de Amarelinha

**Editora-assistente**

Solange Mingorance

**Projeto gráfico, capa e edição de arte**

Rex Design

**Ilustração da capa**

Carvall

**Diagramação**

Rex Design

**Cotejo de originais**

Miriam de Carvalho Abões

**Revisão**

Miriam de Carvalho Abões e Dida Bessana

**Elaboração *Diários de um Clássico e Contextualização Histórica***

Luiz Ribeiro e Sidnei Xavier dos Santos

**Elaboração *Suplemento de Atividades***

Rita Narciso Kawamata e Sidnei Xavier dos Santos

**Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização***

Davi Fazzolari

**Impressão e acabamento****Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Assis, Machado de, 1839-1908.  
Quincas Borba / Machado de Assis -- 1.ª ed.  
São Paulo : Saraiva, 2009. -- (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades  
Suplementado por roteiro do professor

ISBN 978-85-02-07935-9

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.  
09-04413

CDD-869.93

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romance : Literatura brasileira 869.93

© Editora Saraiva, 2009

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

5.ª tiragem, 2019

CL: 810008

CAE: 571313

Caro leitor,

*Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de literatura brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.*

*É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.*

*Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.*

*Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.*

*Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura. Faça uma boa viagem!*

# SUMÁRIO

## QUINCAS BORBA

PRÓLOGO DA 2.ª EDIÇÃO 12

PRÓLOGO DA 3.ª EDIÇÃO 13

CAPÍTULO I 14

CAPÍTULO II 14

CAPÍTULO III 15

CAPÍTULO IV 16

CAPÍTULO V 18

CAPÍTULO VI 19

CAPÍTULO VII 22

CAPÍTULO VIII 23

CAPÍTULO IX 24

CAPÍTULO X 25

CAPÍTULO XI 27

CAPÍTULO XII 28

CAPÍTULO XIII 29

CAPÍTULO XIV 30

CAPÍTULO XV 30

CAPÍTULO XVI 32

CAPÍTULO XVII 32

CAPÍTULO XVIII 33

CAPÍTULO XIX 34

CAPÍTULO XX 35

CAPÍTULO XXI 35

CAPÍTULO XXII 38

CAPÍTULO XXIII 39

CAPÍTULO XXIV 39

CAPÍTULO XXV 40

CAPÍTULO XXVI 40



CAPÍTULO XXVII	41
CAPÍTULO XXVIII	41
CAPÍTULO XXIX	43
CAPÍTULO XXX	45
CAPÍTULO XXXI	45
CAPÍTULO XXXII	47
CAPÍTULO XXXIII	49
CAPÍTULO XXXIV	49
CAPÍTULO XXXV	50
CAPÍTULO XXXVI	52
CAPÍTULO XXXVII	52
CAPÍTULO XXXVIII	54
CAPÍTULO XXXIX	54
CAPÍTULO XL	55
CAPÍTULO XLI	56
CAPÍTULO XLII	57
CAPÍTULO XLIII	60
CAPÍTULO XLIV	61
CAPÍTULO XLV	61
CAPÍTULO XLVI	63
CAPÍTULO XLVII	64
CAPÍTULO XLVIII	66
CAPÍTULO XLIX	67
CAPÍTULO L	68
CAPÍTULO LI	73
CAPÍTULO LII	74
CAPÍTULO LIII	75
CAPÍTULO LIV	76
CAPÍTULO LV	77
CAPÍTULO LVI	78
CAPÍTULO LVII	79
CAPÍTULO LVIII	81
CAPÍTULO LIX	82
CAPÍTULO LX	83
CAPÍTULO LXI	85
CAPÍTULO LXII	86
CAPÍTULO LXIII	87
CAPÍTULO LXIV	88
CAPÍTULO LXV	90
CAPÍTULO LXVI	91
CAPÍTULO LXVII	91
CAPÍTULO LXVIII	93
CAPÍTULO LXIX	95
CAPÍTULO LXX	99
CAPÍTULO LXXI	100
CAPÍTULO LXXII	101
CAPÍTULO LXXIII	102
CAPÍTULO LXXIV	102
CAPÍTULO LXXV	103
CAPÍTULO LXXVI	104
CAPÍTULO LXXVII	104
CAPÍTULO LXXVIII	106

CAPÍTULO LXXIX 107  
CAPÍTULO LXXX 107  
CAPÍTULO LXXXI 109  
CAPÍTULO LXXXII 110  
CAPÍTULO LXXXIII 112  
CAPÍTULO LXXXIV 113  
CAPÍTULO LXXXV 114  
CAPÍTULO LXXXVI 115  
CAPÍTULO LXXXVII 116  
CAPÍTULO LXXXVIII 117  
CAPÍTULO LXXXIX 117  
CAPÍTULO XC 119  
CAPÍTULO XCI 120  
CAPÍTULO XCII 121  
CAPÍTULO XCIII 122  
CAPÍTULO XCIV 123  
CAPÍTULO XCV 123  
CAPÍTULO XCVI 124  
CAPÍTULO XCVII 125  
CAPÍTULO XCVIII 126  
CAPÍTULO XCIX 127  
CAPÍTULO C 128  
CAPÍTULO CI 131  
CAPÍTULO CII 132  
CAPÍTULO CIII 132  
CAPÍTULO CIV 134  
CAPÍTULO CV 135  
CAPÍTULO CVI 136  
CAPÍTULO CVII 137  
CAPÍTULO CVIII 138  
CAPÍTULO CIX 141  
CAPÍTULO CX 142  
CAPÍTULO CXI 144  
CAPÍTULO CXII 145  
CAPÍTULO CXIII 146  
CAPÍTULO CXIV 146  
CAPÍTULO CXV 147  
CAPÍTULO CXVI 151  
CAPÍTULO CXVII 152  
CAPÍTULO CXVIII 153  
CAPÍTULO CXIX 157  
CAPÍTULO CXX 159  
CAPÍTULO CXXI 161  
CAPÍTULO CXXII 162  
CAPÍTULO CXXIII 164  
CAPÍTULO CXXIV 164  
CAPÍTULO CXXV 165  
CAPÍTULO CXXVI 165  
CAPÍTULO CXXVII 166  
CAPÍTULO CXXVIII 166  
CAPÍTULO CXXIX 168  
CAPÍTULO CXXX 169



CAPÍTULO CXXXI	171
CAPÍTULO CXXXII	171
CAPÍTULO CXXXIII	172
CAPÍTULO CXXXIV	174
CAPÍTULO CXXXV	175
CAPÍTULO CXXXVI	175
CAPÍTULO CXXXVII	175
CAPÍTULO CXXXVIII	176
CAPÍTULO CXXXIX	178
CAPÍTULO CXL	178
CAPÍTULO CXLI	179
CAPÍTULO CXLII	181
CAPÍTULO CXLIII	181
CAPÍTULO CXLIV	182
CAPÍTULO CXLV	183
CAPÍTULO CXLVI	184
CAPÍTULO CXLVII	186
CAPÍTULO CXLVIII	186
CAPÍTULO CXLIX	187
CAPÍTULO CL	188
CAPÍTULO CLI	188
CAPÍTULO CLII	189
CAPÍTULO CLIII	191
CAPÍTULO CLIV	194
CAPÍTULO CLV	195
CAPÍTULO CLVI	195
CAPÍTULO CLVII	196
CAPÍTULO CLVIII	197
CAPÍTULO CLIX	198
CAPÍTULO CLX	200
CAPÍTULO CLXI	200
CAPÍTULO CLXII	202
CAPÍTULO CLXIII	202
CAPÍTULO CLXIV	203
CAPÍTULO CLXV	204
CAPÍTULO CLXVI	206
CAPÍTULO CLXVII	206
CAPÍTULO CLXVIII	208
CAPÍTULO CLXIX	209
CAPÍTULO CLXX	210
CAPÍTULO CLXXI	212
CAPÍTULO CLXXII	213
CAPÍTULO CLXXIII	214
CAPÍTULO CLXXIV	215
CAPÍTULO CLXXV	216
CAPÍTULO CLXXVI	219
CAPÍTULO CLXXVII	220
CAPÍTULO CLXXVIII	221
CAPÍTULO CLXXIX	221
CAPÍTULO CLXXX	223
CAPÍTULO CLXXXI	224
CAPÍTULO CLXXXII	227



CAPÍTULO CLXXXIII 228

CAPÍTULO CLXXXIV 229

CAPÍTULO CLXXXV 230

CAPÍTULO CLXXXVI 231

CAPÍTULO CLXXXVII 231

CAPÍTULO CLXXXVIII 231

CAPÍTULO CLXXXIX 234

CAPÍTULO CXC 234

CAPÍTULO CXCI 235

CAPÍTULO CXCI 235

CAPÍTULO CXCI 236

CAPÍTULO CXCI 236

CAPÍTULO CXCV 237

CAPÍTULO CXCVI 238

CAPÍTULO CXCVII 238

CAPÍTULO CXCVIII 239

CAPÍTULO CXCI 239

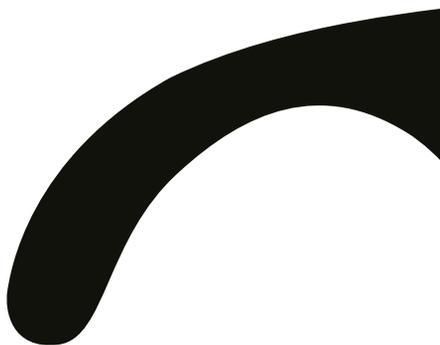
CAPÍTULO CC 240

CAPÍTULO CCI 241

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 243

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 259

ENTREVISTA IMAGINÁRIA 265





## PRÓLOGO DA 2.ª EDIÇÃO

Sai em segunda edição este *Quincas Borba*, com algumas correções necessárias, e porventura incompletas. Já na primeira edição se disse (capítulo IV) que o título do livro é o nome de um personagem que aparecia nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Se lestes os dois livros, sabeis que é o único vínculo entre eles, salvo a forma, e ainda assim a forma difere no sentido de ser aqui mais compacta a narração.

[1896]

MACHADO DE ASSIS



## PRÓLOGO DA 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

A segunda edição deste livro acabou mais depressa que a primeira. Aqui sai ele em terceira, sem outra alteração além da emenda de alguns erros tipográficos, tais e tão poucos que, ainda conservados, não encobririam o sentido.

Um amigo e confrade ilustre tem teimado comigo para que dê a este livro o seguimento de outro. “Com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, donde este proveio, fará você uma trilogia, e a Sofia de *Quincas Borba* ocupará exclusivamente a terceira parte.”

Algun tempo cuidei que podia ser, mas relendo agora estas páginas concluo que não. A Sofia está aqui toda. Continuá-la seria repeti-la, e acaso repetir o mesmo seria um pecado. Creio que foi assim que me tacharam este e alguns outros dos livros que vim compondo pelo tempo fora no silêncio da minha vida. Vozes houve, generosas e fortes, que então me defenderam; já lhes agradei em particular; agora o faço cordial e publicamente.

1899.

M. de A.

## CAPÍTULO I

Rubião fitava a enseada, eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

“Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas”, pensa ele. “Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...”

14

## CAPÍTULO II

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... – Bonita canoa! – Antes assim! – Como obedece bem aos remos do homem! – O certo é que eles estão no céu!

## CAPÍTULO III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto<sup>1</sup>. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja – primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

– Quincas Borba está muito impaciente? – perguntou Rubião bebendo o último golo de café, e lançando um último olhar à bandeja.

– *Me parece que sí.*

– Lá vou soltá-lo.

Não foi; deixou-se ficar, algum tempo, a olhar para os móveis. Vendo as pequenas gravuras inglesas, que pendiam da parede por cima dos dois bronzes, Rubião pensou na bela Sofia, mulher do Palha, deu alguns passos, e foi sentar-se no pufe, ao centro da sala, olhando para longe...a

“Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos, os três, a ver coisas para comprar. Estava tão bonita! Mas o que eu mais gosto dela são os ombros, que vi no baile do coronel. Que ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos! Os braços também; oh! os braços! Que benfeitos!”

Rubião suspirou, cruzou as pernas, e bateu com as borlas do chambre sobre os joelhos. Sentia que não era inteiramente feliz; mas sentia também que não estava longe a felicidade completa.

---

<sup>1</sup> *Fausto*: personagem lendário do século XVI que, segundo a tradição, teria negociado a sua alma com o demônio Mefistófeles em troca de sabedoria, poder e juventude eterna. Uma de suas primeiras caracterizações literárias é a obra *Fausto*, do dramaturgo e poeta inglês Christopher Marlowe (1564-1593), contemporâneo um pouco mais jovem de Shakespeare. O personagem tornou-se conhecido mundialmente, entretanto, com a obra homônima do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), além de ter inspirado peças de teatro, óperas, narrativas e obras de artes plásticas. (Todas as notas desta obra são do Editor.)

Recompunha de cabeça uns modos, uns olhos, uns requebros sem explicação, a não ser esta, que ela o amava, e que o amava muito. Não era velho; ia fazer quarenta e um anos, e, rigorosamente, parecia menos. Esta observação foi acompanhada de um gesto; passou a mão pelo queixo barbeado todos os dias, coisa que não fazia dantes, por economia e desnecessidade. Um simples professor! Usava suíças (mais tarde deixou crescer a barba toda), tão macias, que dava gosto passar os dedos por elas... E recordava assim o primeiro encontro, na estação de Vassouras, onde Sofia e o marido entraram no trem da estrada de ferro, no mesmo carro em que ele descia de Minas; foi ali que achou aquele par de olhos viçosos, que pareciam repetir a exortação do profeta: Todos vós que tendes sede, vinde às águas<sup>2</sup>. Não trazia ideias adequadas ao convite, é verdade; vinha com a herança na cabeça, o testamento, o inventário, coisas que é preciso explicar primeiro, a fim de entender o presente e o futuro. Deixemos Rubião na sala de Botafogo, batendo com as borlas do chambre nos joelhos, e cuidando na bela Sofia. Vem comigo, leitor; vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba.

## CAPÍTULO IV

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida, mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. Piedade resistiu, um pleuris a levou.

Foi esse trechozinho de romance que ligou os dois homens. Saberá Rubião que o nosso Quincas Borba trazia aquele grãozinho de sandice, que um médico supôs achar-lhe? Seguramente, não; tinha-o por homem esquisito. É, todavia, certo que o grãozinho

---

<sup>2</sup> Frase que faz menção às palavras do profeta bíblico do Antigo Testamento, Isaías, que chamava o povo à conversão (Isaías, 55:1).

não se despegou do cérebro de Quincas Borba, nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu. Quincas Borba tivera ali alguns parentes, mortos já agora em 1867; o último foi o tio que o deixou por herdeiro de seus bens. Rubião ficou sendo o único amigo do filósofo. Regia então uma escola de meninos, que fechou para tratar do enfermo. Antes de professor, metera ombros a algumas empresas, que foram a pique.

Durou o cargo de enfermeiro mais de cinco meses, perto de seis. Era real o desvelo de Rubião, paciente, risonho, múltiplo, ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada, nem o serviço da casa, nem a leitura dos jornais, logo que chegava a mala da Corte ou a de Ouro Preto<sup>3</sup>.

– Tu és bom, Rubião – suspirava Quincas Borba.

– Grande façanha! Como se você fosse mau!

A opinião ostensiva do médico era que a doença do Quincas Borba iria saindo devagar. Um dia, o nosso Rubião, acompanhando o médico até à porta da rua, perguntou-lhe qual era o verdadeiro estado do amigo. Ouviu que estava perdido, completamente perdido; mas, que o fosse animando. Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza?...

– Lá isso, não – atalhou Rubião –; para ele, morrer é negócio fácil. Nunca leu um livro que ele escreveu, há anos, não sei que negócio de filosofia...

– Não; mas filosofia é uma coisa, e morrer de verdade é outra; adeus.

---

<sup>3</sup> Em 1807, Napoleão Bonaparte invadiu Portugal. Em razão desse evento, a situação da família real fica insustentável naquele país, e, no ano seguinte, ela se vê obrigada a ser transferida para o Brasil, estabelecendo a sede da Corte na cidade do Rio de Janeiro, então capital da Colônia.

## CAPÍTULO V

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba –, um cão, um bonito cão, meio tamanho, pelo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dois motivos, um doutrinário, outro particular.

– Desde que Humanitas<sup>4</sup>, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano...

– Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo? – disse Rubião com o pensamento em um rival político da localidade.

– Esse agora é o motivo particular. Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

Rubião fez um gesto negativo.

– Pois devias rir, meu querido. Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro. Os que, porém, não souberem ler, chamarão Quincas Borba ao cachorro, e...

O cão, ouvindo o nome, correu à cama. Quincas Borba, comovido, olhou para Quincas Borba:

– Meu pobre amigo! Meu bom amigo! Meu único amigo!

– Único!

– Desculpa-me, tu também o és, bem sei, e agradeço-te muito; mas a um doente perdoa-se tudo. Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho.

---

<sup>4</sup> *Humanitas*: em latim, *humanidade*. É importante atentar para esse termo, central na filosofia de Quincas Borba, que leva o nome de Humanitismo. Provavelmente, há aqui uma crítica subliminar de Machado de Assis à doutrina de Augusto Comte (1798-1857), criador do Positivismo, teoria filosófica baseada na famosa lei dos três estados, de acordo com a qual, a história humana cumpriria três fases: uma teológica, marcada pela crença nos deuses e mitos, uma metafísica, concentrada na crença em Deus, e, por fim, uma positiva, cujo centro seria a crença na ciência. Essas etapas representam, segundo Comte, uma evolução da humanidade. Por isso, o Positivismo sugeriu a assimilação das organizações anteriores da sociedade à nova ótica da ciência. Há, igrejas positivistas até hoje no Rio de Janeiro. Nelas, por exemplo, a Virgem Maria representa a Razão e Cristo, a Humanidade. É uma filosofia que, de certo modo, prega um otimismo evolucionista, contrário, portanto, às ideias de Machado. A sua ironia certamente se valeu dessas e de outras ideias desse tipo, em voga no século XIX.

Rubião deu-lhe o espelho. O doente contemplou por alguns segundos a cara magra, o olhar febril, com que descobria os subúrbios da morte, para onde caminhava a passo lento, mas seguro. Depois, com um sorriso pálido e irônico:

– Tudo o que está cá fora corresponde ao que sinto cá dentro; vou morrer, meu caro Rubião... Não gesticules, vou morrer. E que é morrer, para ficares assim espantado?

– Sei, sei que você tem umas filosofias... Mas falemos do jantar; que há de ser hoje?

Quincas Borba sentou-se na cama, deixando pender as pernas, cuja extraordinária magreza se adivinhava por fora das calças.

– Que é? que quer? – acudiu Rubião.

– Nada – respondeu o enfermo sorrindo. – Umas filosofias! Com que desdém me dizes isso! Repete, anda, quero ouvir outra vez. Umas filosofias!

– Mas não é por desdém... Pois eu tenho capacidade para desdenhar de filosofias? Digo só que você pode crer que a morte não vale nada, porque terá razões, princípios...

Quincas Borba procurou com os pés as chinelas; Rubião chegou-lhas; ele calçou-as e pôs-se a andar para esticar as pernas. Afastou o cão e acendeu um cigarro. Rubião quis que se agasalhasse, e trouxe-lhe um fraque, um colete, um chambre, um capote, à escolha. Quincas Borba recusou-os com um gesto. Tinha outro ar agora; os olhos metidos para dentro viam pensar o cérebro. Depois de muitos passos, parou, por alguns segundos, diante de Rubião.

19

## CAPÍTULO VI

– Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar-te como morreu minha avó.

– Como foi?

– Senta-te.

Rubião obedeceu, dando ao rosto o maior interesse possível, enquanto Quincas Borba continuava a andar.

– Foi no Rio de Janeiro – começou ele – defronte da Capela Imperial<sup>5</sup>, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó

---

<sup>5</sup> *Capela Imperial*: menção à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que ficava na Rua Direita, atual Primeiro de Março (Rio de Janeiro). Durante a permanência de Dom João VI no Brasil, entre 1808 e 1821, ela foi a Capela Real.

saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no Largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquitanas. No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma botica da Rua Direita<sup>6</sup>, veio um sangrador<sup>7</sup>, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro partidos, era toda sangue; expirou minutos depois.

– Foi realmente uma desgraça – disse Rubião.

– Não.

– Não?

– Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derribou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação. Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron<sup>8</sup> ou Gonçalves Dias<sup>9</sup>, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológicos; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro, mas Humanitas (e isto importa, antes de tudo), Humanitas precisa comer.

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse a casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

---

<sup>6</sup> *Rua Direita*: atual Rua Primeiro de Março.

<sup>7</sup> *Sangrador*: espécie de médico prático, de cunho mais popular, que socorria pequenos traumas e acidentes. A técnica usada por ele era a sangria, que consistia em fazer incisões que retiravam o sangue do doente, caso o sangue tivesse se coagulado.

<sup>8</sup> *Lord Byron*: um dos principais poetas do Romantismo inglês. Era famoso por sua vida extravagante e por sua poesia cheia de alusões ao satanismo e à morte.

<sup>9</sup> *Gonçalves Dias*: um dos principais poetas românticos brasileiros, autor de uma vasta obra sobretudo na corrente Indigenista, uma das vertentes poéticas brasileiras. Foi também etnógrafo, tendo pesquisado e escrito obras sobre as línguas indígenas.

- E que Humanitas é esse?
- Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra coisa.
- Diga sempre.
- Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.
- Queres ser meu discípulo?
- Quero.
- Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Humanitismo é o remate das coisas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vê como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...
- Mas que Humanitas é esse?
- Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, ou, para usar a linguagem do grande Camões<sup>10</sup>:

*Uma verdade que nas coisas anda  
Que mora no visível e no invisível.*

21

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas<sup>11</sup>. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

- Pouco, mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...
- Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e

<sup>10</sup> *Luis Vaz de Camões*: um dos maiores poetas do século XVI e considerado um dos principais poetas de língua portuguesa de todos os tempos. Os versos citados são das suas *Elegias* (V, 26-27).

<sup>11</sup> Uma das bases filosóficas da poesia de Camões é a teoria platônica das formas. Segundo ela, haveria um mundo sensível (este que percebemos) e um mundo inteligível, que seria eterno. Tudo o que existe e é percebido encontra um equivalente nesse mundo perfeito. Aqui, Quincas Borba traduz essa teoria de Platão para a sua própria filosofia, alterando, porém, o nome de sua essência. O mundo inteligível seria, para ele, este Humanitas.

morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão... Ao vencedor, as batatas!

– Mas a opinião do exterminado?

– Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Há de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

– Bem; a opinião da bolha...

– Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-la a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É *D. Quixote*<sup>12</sup>. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino.

22

## CAPÍTULO VII

Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante. Rubião acudiu, levando-lhe água e pedindo que se deitasse para descansar; mas o enfermo, após alguns minutos, respondeu que não era nada. Perdera o costume de fazer discursos, é o que era. E, afastando com o gesto a pessoa de Rubião, a fim de poder encarar-la sem

---

<sup>12</sup> *Dom Quixote*: uma das obras máximas da literatura universal, escrita por Miguel de Cervantes (1547-1616). Quixote, depois de ler pilhas de livros de cavalaria, decide se tornar também cavaleiro e sair para o mundo corrigindo defeitos e sanando injustiças. Elege como seu escudeiro Sancho Pança. E com ele empreende uma série de aventuras, nascidas dos disparates de sua imaginação.

esforço, empreendeu uma brilhante descrição do mundo e suas excelências. Misturou ideias próprias e alheias, imagens de toda sorte, idílicas, épicas, a tal ponto que Rubião perguntava a si mesmo como é que um homem, que ia morrer dali a dias, podia tratar tão galantemente aqueles negócios.

– Ande repousar um pouco.

Quincas Borba refletiu.

– Não, vou dar um passeio.

– Agora não; você está muito cansado.

– Qual! Passou.

Ergueu-se e pôs paternalmente as mãos sobre os ombros de Rubião.

– Você é meu amigo?

– Que pergunta!

– Diga.

– Tanto ou mais do que este animal – respondeu Rubião, em um arroubo de ternura.

Quincas Borba apertou-lhe as mãos.

– Bem.

## CAPÍTULO VIII

No dia seguinte, Quincas Borba acordou com a resolução de ir ao Rio de Janeiro, voltaria no fim de um mês, tinha certos negócios... Rubião ficou espantado. E a moléstia, e o médico? O doente respondeu que o médico era um charlatão, e que a moléstia precisava espairer, tal qual a saúde. Moléstia e saúde eram dois caroços do mesmo fruto, dois estados de Humanitas.

– Vou a alguns negócios pessoais – concluiu o enfermo, e levo, além disso, um plano tão sublime, que nem mesmo você poderá entendê-lo. Desculpe-me esta franqueza; mas eu prefiro ser franco com você a sê-lo com qualquer outra pessoa.

Rubião fiou do tempo que este projeto lhe passasse, como tantos outros; mas enganou-se. Acrescia que, em verdade, o doente parecia estar melhorando; não ia à cama, saía à rua, escrevia. No fim de uma semana, mandou chamar o tabelião.

– Tabelião? – repetiu o amigo.

– Sim, quero registrar o meu testamento. Ou vamos lá os dois...

Foram os três, porque o cão não deixava partir o amo e senhor sem acompanhá-lo. Quincas Borba registrou o testamento, com as formalidades do estilo, e tornou tranquilo para casa. Rubião sentia bater-lhe o coração violentamente.

– Está claro que eu não o deixo ir só para a Corte – disse ele ao amigo.

– Não, não é preciso. Demais Quincas Borba não vai, e não o confio a outra pessoa, senão a você. Deixo a casa como está. Daqui a um mês estou de volta. Vou amanhã; não quero que ele pressinta a minha saída. Cuide dele, Rubião.

– Cuido, sim.

– Jura?

– Por esta luz que me alumia. Então sou alguma criança?

– Dê-lhe leite às horas apropriadas, as comidas todas do costume, e os banhos; e quando sair a passeio com ele, olhe que não vá fugir. Não, o melhor é que não saia... não saia...

– Vá sossegado.

Quincas Borba chorava pelo outro Quincas Borba. Não quis vê-lo à saída. Chorava deveras; lágrimas de loucura ou de afeição, quaisquer que fossem, ele as ia deixando pela boa terra mineira, como o derradeiro suor de uma alma obscura, prestes a cair no abismo.

## CAPÍTULO IX

Horas depois, teve Rubião um pensamento horrível. Podiam crer que ele próprio incitara o amigo à viagem, para o fim de o matar mais depressa, e entrar na posse do legado, se é que realmente estava incluso no testamento. Sentiu remorsos. Por que não empregou todas as forças para contê-lo? Viu o cadáver de Quincas Borba, pálido, hediondo, fitando nele um olhar vingativo; resolveu, se acaso o fatal desfecho se desse em viagem, abrir mão do legado.

Pela sua parte o cão vivia farejando, ganindo, querendo fugir; não podia dormir quieto, levantava-se muitas vezes, à noite, percorria a casa, e tornava ao seu canto. De manhã, Rubião chamava-o à cama, e o cão acudia alegre; imaginava que era o próprio dono; via depois que não era, mas aceitava as carícias, e fazia-lhe outras, como se Rubião tivesse de levar as suas ao amigo, ou trazê-lo para ali. Demais havia-se-lhe afeiçoado também e para ele era a ponte que o ligava à existência anterior.

Não comeu durante os primeiros dias. Suportando menos a sede, Rubião pôde alcançar que bebesse leite; foi a única alimentação por algum tempo. Mais tarde, passava as horas calado, triste, enrolado em si mesmo, ou então com o corpo estendido e a cabeça entre as mãos.

Quando o médico voltou, ficou espantado da temeridade do doente; deviam tê-lo impedido de sair; a morte era certa.

– Certa?

– Mais tarde ou mais cedo. Levou o tal cachorro?

– Não, senhor, está comigo; pedi que cuidasse dele, e chorou, olhe que chorou que foi um nunca acabar. Verdade é – disse ainda Rubião para defender o enfermo – verdade é que o cachorro merece a estima do dono; parece gente.

O médico tirou o largo chapéu de palha para consertar a fita; depois sorriu. Gente? Com que então parecia gente? Rubião insistia, depois explicava; não era gente como a outra gente, mas tinha coisas de sentimento, e até de juízo. Olhe, ia contar-lhe uma...

– Não, homem, não; logo, logo, vou a um doente de erisipela... Se vierem cartas dele, e não forem reservadas, desejo vê-las, ouviu? E lembranças ao cachorro – concluiu saindo.

Algumas pessoas começaram a mofar do Rubião e da singular incumbência de guardar um cão em vez de ser o cão que o guardasse a ele. Vinha a risota, choviam as alcunhas. Em que havia de dar o professor! sentinela de cachorro! Rubião tinha medo da opinião pública. Com efeito, parecia-lhe ridículo; fugia aos olhos estranhos, olhava com fastio para o animal, dava-se ao diabo, arrenegava da vida. Não tivesse a esperança de um legado, pequeno que fosse. Era impossível que lhe não deixasse uma lembrança.

## CAPÍTULO X

Sete semanas depois, chegou a Barbacena esta carta, datada do Rio de Janeiro, toda do punho do Quincas Borba:

*Meu caro senhor e amigo.*

*Você há de ter estranhado o meu silêncio. Não lhe tenho escrito por certos motivos particulares etc. Voltarei breve; mas quero comunicar-lhe desde já um negócio reservado, reservadíssimo.*

*Quem sou eu, Rubião? Sou Santo Agostinho<sup>13</sup>. Sei que há de sorrir, porque você é um ignaro, Rubião; a nossa intimidade permitia-me dizer palavra mais crua, mas faço-lhe esta concessão, que é a última. Ignaro!*

*Ouçã, ignaro. Sou Santo Agostinho; descobri isto anteontem: ouçã e cale-se. Tudo coincide nas nossas vidas. O santo e eu passamos uma parte do tempo nos deleites e na heresia, porque eu considero heresia tudo o que não é a minha doutrina de Humanitas; ambos furtamos, ele, em pequeno, umas peras de Cartago, eu, já rapaz, um relógio do meu amigo Brás Cubas. Nossas mães eram religiosas e castas. Enfim, ele pensava, como eu, que tudo que existe é bom, e assim o demonstra no capítulo XVI, livro VII das Confissões, com a diferença que, para ele, o mal é um desvio da vontade, ilusão própria de um século atrasado, concessão ao erro, pois que o mal nem mesmo existe, e só a primeira afirmação é verdadeira; todas as coisas são boas, omnia bona<sup>14</sup>, e adeus.*

*Adeus, ignaro. Não contes a ninguém o que te acabo de confiar, se não queres perder as orelhas. Cala-te, guarda, e agradece a boa fortuna de ter por amigo um grande homem, como eu, embora não me compreendas. Hás de compreender-me. Logo que tornar a Barbacena, dar-te-ei em termos explicados, simples, adequados ao entendimento de um asno, a verdadeira noção do grande homem. Adeus, lembranças ao meu pobre Quincas Borba. Não esqueças de lhe dar leite; leite e banhos; adeus, adeus... Teu do coração*

Rubião mal sustinha o papel nos dedos. Passados alguns segundos advertiu que podia ser um gracejo do amigo, e releu a carta; mas a segunda leitura confirmou a primeira impressão. Não havia dúvida; estava doido. Pobre Quincas Borba! Assim, as esquisitices, a frequente alteração de humor, os ímpetos sem motivo, as ternuras sem proporção, não eram mais que prenúncios da ruína total do cérebro. Morria antes de morrer. Tão bom! Tão alegre! Tinha impertinências é verdade, mas a doença explicava-as. Rubião enxugou os olhos úmidos de comoção. Depois veio a lembrança do possível legado, e ainda mais o afligiu, por lhe mostrar que bom amigo ia perder.

Quis ainda uma vez ler a carta, agora devagar, analisando as palavras, desconjuntando-as, para ver bem o sentido e descobrir se

---

<sup>13</sup> *Santo Agostinho*: procedente da cidade de Tagaste, e, por isso, conhecido como Agostinho de Tagaste, foi bispo da cidade de Hipona, no norte da África. Trata-se de um dos mais importantes filósofos cristãos e um dos fundadores da doutrina teológica do cristianismo. Sua vida se desenrolou entre os anos de 354 e 430. Boa parte das concepções da Igreja Católica se baseia em suas ideias.

<sup>14</sup> *Omnia bona*: expressão latina que significa tudo é bom. Uma das bases da filosofia de Santo Agostinho é que o mal não tem realidade, pois a origem de todas as coisas está na bondade infinita de Deus. Por isso, o mal não tem essência em si mesmo, é sempre uma falta em relação ao bem, e, por isso, seria *privatio boni* (privação, falta, ausência do bem).

realmente era uma troça de filósofo. Aquele modo de o descompor brincando, era conhecido; mas o resto confirmava a suspeita do desastre. Já quase no fim, parou enfiado.

Dar-se-ia que, provada a alienação mental do testador, nulo ficaria o testamento, e perdidas as deixas? Rubião teve uma vertigem. Estava ainda com a carta aberta nas mãos, quando viu aparecer o doutor, que vinha por notícias do enfermo; o agente do correio dissera-lhe haver chegado uma carta. Era aquela?

– É esta, mas...

– Tem alguma comunicação reservada?...

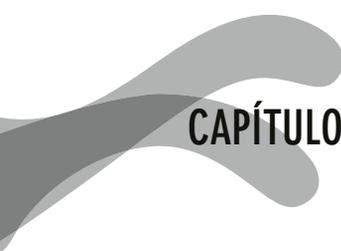
– Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?

Dizendo isto, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu, ele respirou. Escapara ao perigo de publicar tão grave documento, por onde se podia provar o estado mental de Quincas Borba. Minutos depois, arrependeu-se, devia ter entregado a carta, sentiu remorsos, pensou em mandá-la à casa do médico. Chamou por um escravo; quando este acudiu, já ele mudara outra vez de ideia; considerou que era imprudência; o doente viria em breve, dali a dias, perguntaria pela carta, argui-lo-ia de indiscreto, de delator... Remorsos fáceis, de pouca dura.

– Não quero nada – disse ao escravo.

E outra vez pensou no legado. Calculou o algarismo. Menos de dez contos, não. Compraria um pedaço de terra, uma casa, cultivaria isto ou aquilo, ou lavraria ouro. O pior é se era menos, cinco contos... Cinco? Era pouco; mas, enfim, talvez não passasse disso. Cinco que fossem, era um arranjo menor, e antes menor que nada. Cinco contos... Pior seria se o testamento ficasse nulo. Vá, cinco contos!

27



## CAPÍTULO XI

No começo da semana seguinte, recebendo os jornais da Corte (ainda assinaturas do Quincas Borba) leu Rubião esta notícia em um deles:

*Faleceu ontem o Sr. Joaquim Borba dos Santos, tendo suportado a moléstia com singular filosofia. Era homem de muito saber, e cansava-se*

em batalhar contra esse pessimismo amarelo e enfezado<sup>15</sup> que ainda nos há de chegar aqui um dia; é a moléstia do século. A última palavra dele foi que a dor era uma ilusão, e que Pangloss<sup>16</sup> não era tão tolo como o inculcou Voltaire ... Já então delirava. Deixa muitos bens. O testamento está em Barbacena.

## CAPÍTULO XII

– Acabou de sofrer! – suspirou Rubião.

Em seguida, atentando na notícia, viu que falava de um homem que tinha apreço, consideração, a quem se atribuía uma peleja filosófica. Nenhuma alusão a demência. Ao contrário, o final dizia que ele delirara a última hora, efeito da moléstia. Ainda bem! Rubião leu novamente a carta, e a hipótese da troca pareceu outra vez mais verossímil. Concordou que ele tinha graça; com certeza, quis debicá-lo; foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio<sup>17</sup> ou a Santo Hilário<sup>18</sup>, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, até voltar a rir-se do logro. Pobre amigo! Estava são, são e morto. Sim, já não padecia nada. Vendo o cachorro, suspirou:

<sup>15</sup> *Pessimismo amarelo e enfezado*: alusão à filosofia do alemão Arthur Schopenhauer, autor de *O mundo como vontade e representação*, uma das principais obras da filosofia moderna. Para esse autor, a vida era regida por um único princípio: a Vontade. Ela é que conduz todos os seres vivos e todas as criaturas em suas ações, sem nunca se cumprir totalmente. Por isso, ela seria a fonte de toda a nossa angústia, pois a sua expressão máxima demonstra que tudo o que existe ao nosso redor seria ilusão (representação).

<sup>16</sup> *Pangloss*: personagem da obra *Cândido ou O otimista*, do filósofo e escritor francês Voltaire (1694-1778). Pangloss, preceptor do jovem Cândido, acompanha-o pelo mundo depois de este ter abandonado o castelo onde morava. Em suas viagens, ambos só se envolvem em desastres e maldades dos homens. Entretanto, Pangloss sempre repete a frase: vivemos no melhor dos mundos possíveis. Como se sabe, esse personagem é uma caricatura do filósofo Leibniz e de seu sistema filosófico baseado nos mundos possíveis e em uma perspectiva otimista.

<sup>17</sup> *Santo Ambrósio*: um dos quatro principais doutores da Igreja, Santo Ambrósio (340-397) foi bispo de Milão e batizou Santo Agostinho. Tem uma obra bastante extensa, que mescla exegese (análise) da Bíblia e livros de conteúdo dogmático e filosófico.

<sup>18</sup> *Santo Hilário*: nascido na cidade francesa de Poitiers, Santo Hilário (315-368) é um dos principais nomes da filosofia e da teologia cristãs.

– Coitado do Quincas Borba! Se pudesse saber que o senhor morreu...

Depois, consigo:

“Agora, que já acabou a obrigação, vou dá-lo à comadre Angélica.”

## CAPÍTULO XIII

A notícia correrá a cidade; o vigário, o farmacêutico da casa, o médico, todos mandaram saber se era verdadeira. O agente do correio que a lera nas folhas, trouxe em mão própria ao Rubião uma carta que viera na mala para ele; podia ser do finado, conquanto a letra do sobrescrito fosse outra.

– Então afinal o homem espichou a canela? – disse ele, enquanto Rubião abria a carta, corria à assinatura e lia: *Brás Cubas*.

Era um simples bilhete.

O meu pobre amigo Quincas Borba faleceu ontem em minha casa, onde apareceu há tempos esfrangalhado e sórdido: frutos da doença. Antes de morrer pediu-me que lhe escrevesse, que lhe des-se particularmente esta notícia, e muitos agradecimentos; que o resto se faria, segundo as praxes do foro.

Os agradecimentos fizeram empalidecer o professor; mas as praxes do foro restituíram-lhe o sangue. Rubião fechou a carta sem dizer nada; o agente falou de uma coisa e outra, depois saiu. Rubião ordenou a um escravo que levasse o cachorro de presente à comadre Angélica, dizendo-lhe que, como gostava de bichos, lá ia mais um; que o tratasse bem, porque ele estava acostumado a isso; finalmente que o nome do cachorro era o mesmo que o do dono, agora morto, Quincas Borba.